

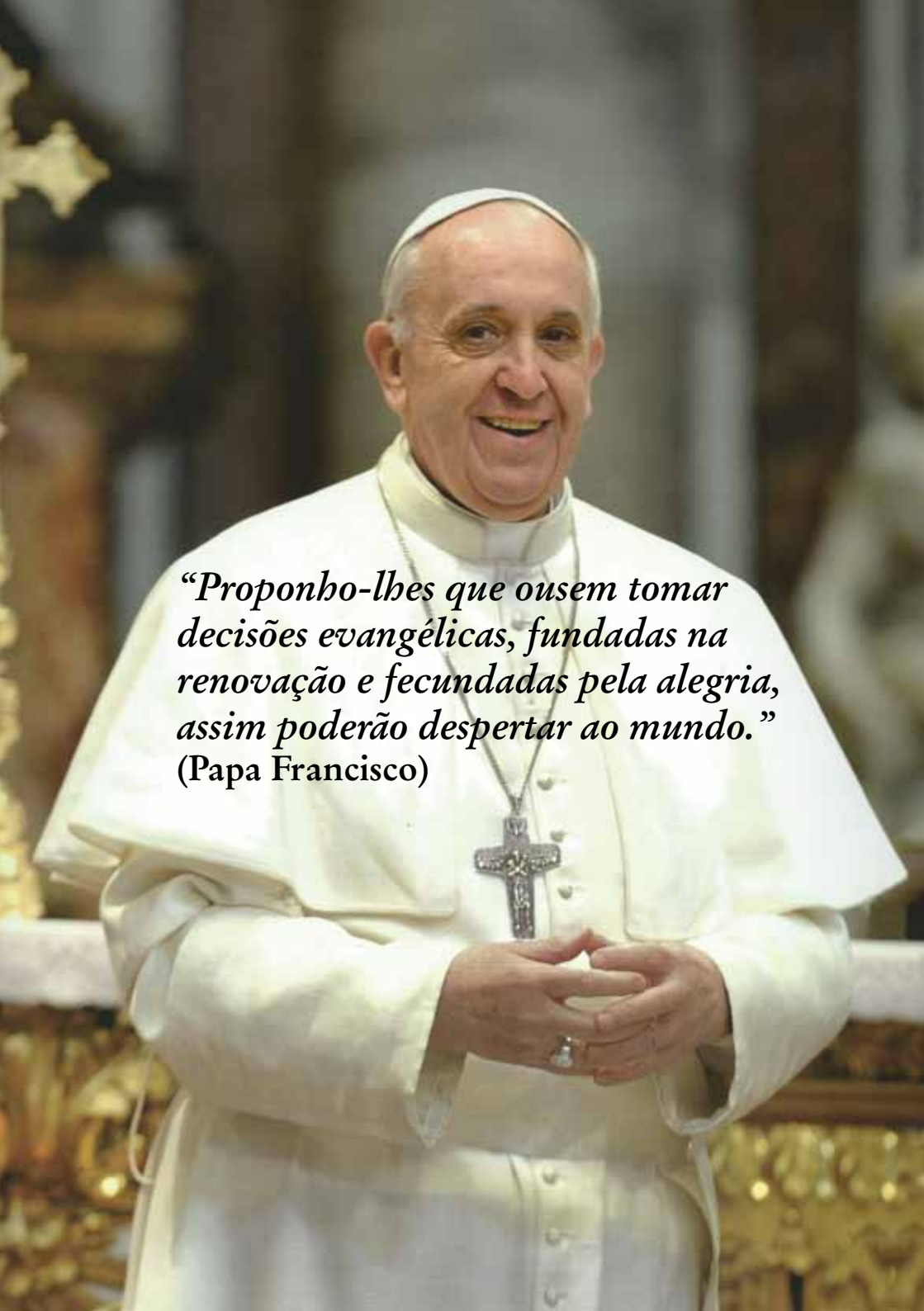
Dar testemunho da bondade e do amor de Deus, nosso Salvador!

Pe. Milton Zonta, SDS
Superior Geral



SOCIEDADE DO DIVINO SALVADOR – SDS
Carta Pastoral aos Salvatorianos

25 de Dezembro de 2014



“Proponho-lhes que ousem tomar decisões evangélicas, fundadas na renovação e fecundadas pela alegria, assim poderão despertar ao mundo.”
(Papa Francisco)

1. Caros irmãos, ao aproximar-se o fim do ano, escrevo a vocês esta carta pastoral impulsionado por dois motivos. O primeiro motivo, por ser um costume que o Superior Geral escreva uma carta à Sociedade pela ocasião da celebração de nossa Festa Titular, na qual celebramos o nascimento de nosso Senhor e Salvador. Contudo, neste ano decidi escrever um texto mais longo, convidando a todos para meditar, pessoal e comunitariamente, sobre as inquietações que se apresentam à nossa Sociedade, lançando um olhar para o futuro de nossa missão evangelizadora. O segundo motivo baseia-se em meu desejo de reforçar um ponto já indicado pelo Papa Francisco, quando pede aos religiosos a capacidade de ir além do horizonte mundano e viverem com autenticidade a própria vocação. Em seu diálogo com os Superiores Gerais, em Novembro de 2013, o Papa Francisco nos fez uma proposta muito direta: *“despertem ao mundo.”* Ele pediu que fôssemos capazes de *“ousar decisões evangélicas, fundadas na renovação e fecundadas pela alegria.”* Na verdade, o Papa está pedindo que sejamos capazes de *“elevar o nível”* de nossa consagração apostólica, ao dizer claramente aos religiosos: *“Não brinquem de serem profetas, sejam.”*
2. Nesta carta não quero somente reagir frente a alguns dos desafios que atualmente se apresentam à Sociedade, mas também gostaria de reconhecer os sinais *“da bondade e do amor de Deus, nosso Salvador”* (Tt 3,4-7) que nos acompanham sempre. Segundo nosso Fundador, Pe. Francisco Maria da Cruz Jordan, nossa segurança não está nos planejamentos ou nos programas que traçamos como tampouco se encontra em nosso esforço pessoal. Nossa segurança está enraizada no amor de Deus que trabalha em nós. O amor de Deus é o que nos impulsiona a proclamar a salvação que nos foi dada em Jesus Cristo. A partir da própria experiência, Pe. Francisco Jordan repetidamente falou deste amor absoluto e incondicional, que não falha, como se pode observar em uma de suas cartas dirigidas ao Pe. Boaventura Lüthen: *“As extraordinárias manifestações da benevolência de Deus para com a Sociedade são tão grandes que quase chego a*

*chorar... quisera prostrar-me e abraçar o Salvador pelo grande amor que manifestou a mim, indigno, e que segue manifestando-me...*¹

3. Nestas linhas, quero refletir sobre alguns pontos de nossa vida salvatoriana, partindo de algumas perguntas que, em realidade, o próprio Fundador já se fazia em seu tempo: Onde Deus nos está chamando a servir? Como podemos ajudar mais e melhor as pessoas que sofrem, em particular os mais pobres? Quais os serviços que os salvatorianos devem oferecer à Igreja? Ainda que todo discernimento deva levar-nos à ação, as respostas às estas perguntas não implicam mudanças ou reformas imediatas. O convite é para que sigamos pelas sendas do discernimento, o qual requer tempo, espaço e silêncio. As mudanças precisam ser pensadas em conjunto, pois como disse o Papa Francisco: *“A sabedoria do discernimento nos livra da necessária ambiguidade da vida e faz com que encontremos meios oportunos, que nem sempre se identificarão com o que parece ser grande e forte.”*² É neste ponto que quero centrar minha atenção nesta mensagem: escutar o Espírito de Deus, afinal nada pode ser mais absoluta do que a vontade de Deus. Acima da longa história de nossa Sociedade está a história de um Deus que atua em tudo o que somos, bem como no uso eficaz dos meios que dispomos. De uma coisa podemos estar seguros: a missão de nossa Sociedade segue tão viva, como em qualquer época anterior, porque Deus tem estado trabalhando antes de nossa chegada; porque a humanidade continua necessitando de pessoas humildes e generosas; e porque o carisma de Pe. Jordan nos anima a dedicar nossas vidas ao serviço da evangelização e do oferecimento da salvação que Jesus Cristo trouxe.

¹ P. Jordan – Carta ao Pe. Lüthen, 15 de agosto de 1884. (cf. DSS vol.X, n°v180).

² Entrevista do Papa Francisco ao Pe. Antonio Spadaro SJ, diretor da Revista “La Civiltà Cattolica”, em agosto de 2013.

DESDE O MAIS ÍNTIMO DO CORAÇÃO

*“Vocês devem ser membros da Sociedade desde a mais profunda convicção (...) desde o mais íntimo de seu coração.”*³

4. Há pouco tempo visitei uma comunidade em que a grande maioria dos confrades já se aposentou. Vários deles trabalharam intensamente como missionários, em diferentes lugares, e deram o melhor de si à Igreja e ao povo, em diferentes serviços. Ao chegar a esta comunidade pela primeira vez, limitei-me a observar meus confrades, já que não falava o idioma deles. Em um dos momentos em que se reuniram na bela capela para a oração, fiquei pensando nas grandes diferenças em termos de idade, de mentalidade cultural, de experiências de fé e de contribuição à missão da Sociedade que estavam presentes naquele lugar. Não obstante, precisamente naquele momento de silêncio, senti a profunda relação existente entre nós, que apontava para nossa identidade comum como salvatorianos. Se quisermos ser fieis a nosso Fundador, não nos resta outro caminho a não ser o de prestar atenção, de maneira especial, ao contexto global no qual estamos inseridos como membros que assumem viver nesta Sociedade e, ao mesmo tempo, ter em conta as diferentes realidades particulares nas quais se constroem nossas comunidades salvatorianas. Esta foi uma das principais motivações para neste ano realizarmos os Encontros de Lideranças Salvatorianas nos diferentes continentes.
5. Pela primeira vez na história da Sociedade conseguimos reunir os líderes salvatorianos nas Filipinas, Espanha, Colômbia e Tanzânia, para dialogar concretamente sobre temas que nos são importantes: nossa identidade carismática, nosso serviço missionário e os nossos processos formativos, nos diferentes contextos. Nestes encontros continentais observei muitos gestos de unidade em meio à diversidade de culturas, línguas e pensamentos. Escutei o nome de muitos confrades salvatorianos

³ Alocuções do Pe. Francisco Maria da Cruz Jordan – 15 de outubro de 1897.



que, desde o anonimato, são verdadeiros apóstolos de Jesus Cristo, na entrega a distintos serviços, sendo alguns realizados em situações bastante difíceis. Sem fazer nenhuma distinção, quero reafirmar que esta diversidade de dons e carismas salvatorianos é sinal do amor infinito do Deus que nos acompanha e, ao mesmo tempo, é o maior tesouro da Sociedade do Divino Salvador.

6. Como bem sabemos, o laço que garante nossa unidade de vida e missão é a espiritualidade do Pe. Francisco Jordan, que nos convida a ser apóstolos do Divino Salvador. Contudo, não podemos ser apóstolos sem antes havermos sido discípulos, ou seja, sem havermos tido um encontro vivo e pessoal com Cristo, vivendo cotidianamente em união com Ele na oração e, principalmente, na Eucaristia. Ele é o nosso único amor e sem Ele não podemos viver. Este elemento distintivo de nossa vida é tão importante que se encontra refletido no emblema da Sociedade: a imagem do Salvador com a inscrição circular – *“Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”*. Naturalmente nossa identidade não pode ser limitada a um conjunto de idéias, sinais e regras, mas, fundamentalmente e antes de tudo, trata-se de uma maneira de viver, que brota desta relação profunda e pessoal com Cristo, Mestre e Salvador. Pe. Francisco Jordan continuamente

apontou para este espírito e esta forma de vida, dando-nos a *“ordem e a missão de não nos darmos por satisfeitos até que todos os povos conheçam, amem e sirvam a Jesus, como seu Salvador”* (Co 103). Isto é o que verdadeiramente nos convoca, une, dinamiza e nutre. Além do mais, este é um caminho que dura toda a vida, pois, como sabemos, não nascemos salvatorianos. A identidade salvatoriana se plasma em cada um de nós tal como a promessa de uma semente. A vocação salvatoriana não é uma obrigação, mas uma tarefa projetada ao futuro. Ela é graça de Deus, um chamado de amor para seguir as pegadas de Cristo Salvador, sem jamais voltar atrás.

7. Por outro lado, penso que as palavras recitadas em nossa profissão: *“Senhor Jesus Cristo, Salvador do Mundo, para te seguir fielmente e para te servir na obra da salvação, eu... consagro-me, sem reserva, a ti, na tua Igreja, a uma vida de serviço apostólico na Sociedade do Divino Salvador.”* (Co 305), expressam uma vida entregue sem colocar condições ou reservas quanto a espaço, tempo ou lugar. O que acontece é que, muitas vezes, estas palavras ficam no passado e não mais tem relação com o que vivemos hoje. Isto pode indicar que estas palavras perderam sua força original e já não se caracterizam como princípio dinamizador de nossa opção de vida. Ainda que em todas as Unidades haja confrades que dão um claro testemunho de fidelidade à sua vocação, e de atenção às pessoas que lhe foram confiadas, eu diria que redescobrir o sentido e a profundidade de nossa consagração religiosa apostólica salvatoriana continua sendo um importante desafio para nosso futuro. Se quisermos ser significativos para as pessoas que nos são próximas, continuo insistindo que se faz necessário que nos asseguremos das três colunas fundamentais e inegociáveis da vida religiosa apostólica: a profunda experiência de Deus, a vida fraterna e o zelo pela missão apostólica. Neste sentido, recomendo que todos façam um contínuo e firme discernimento, de forma a que nenhum destes três elementos seja suprimido ou diminuído. Não escondamos o espírito do Pe. Francisco Jordan que nos convocou a sermos

peessoas que empregam todas as forças para anunciar a Cristo, com a palavra e com o exemplo. Em todas as escolas, paróquias, casas de formação, centros de espiritualidade e universidades, com os recursos e as pessoas que dispomos, faça-se visível nossa identidade salvatoriana, nossa pertença a uma comunidade fraterna, e nossa disponibilidade missionária ao serviço dos demais e da salvação de todos.

TRANSCENDER O PARTICULAR E O LOCAL

“O espírito de nossa Sociedade é o de ir a todos e em todos os lugares (...) O oposto a este espírito da Sociedade é a limitação, a parcialidade, o nacionalismo, e como quer que se chame.”⁴

8. Certa vez, em um voo, estabeleci uma conversa com um passageiro e dialogamos sobre a crise vocacional na vida religiosa europeia. Ele perguntou-me como estava a situação de nossa “congregação”. Respondi, com certo orgulho, que estamos crescendo em número e em atividades. Arregalando os olhos diante de tal resposta, expressou-me sua surpresa, dizendo que quase não podia acreditar já que praticamente não havia vocações à vida religiosa na maioria dos países europeus. Quanto a isto o passageiro tinha razão e, portanto, tive que esclarecer que não estávamos presentes apenas na Europa, mas em todos os continentes. Impulsionados pelo carisma de nosso Fundador, estamos chamados a viver uma identidade que supera as fronteiras nacionalistas e cultivarmos, em todas as partes, uma visão global da evangelização. Também expliquei a meu interlocutor que nós, salvatorianos, somos pessoas dispostas a ir a todos os lugares, sem nunca perder de vista nossa identidade comum.
9. Penso que em todos os âmbitos da Sociedade deveríamos refletir sobre este tema: nós, salvatorianos, não pertencemos a uma Província, mas a toda a Sociedade. Desde o momento em que um jovem manifesta seu interesse em ser salvatoriano,

⁴ *Alocuções de Pe. Francisco Maria da Cruz Jordan – 17 de fevereiro de 1899.*

deveríamos dizer-lhe claramente que a obra que temos em mãos supera os limites de uma Província ou de uma cultura. De acordo com o carisma de nosso Fundador, Pe. Francisco Jordan, estamos chamados a ser membros de uma sociedade apostólica sem fronteiras. Quando esta perspectiva é falha prevalece a tendência ao individualismo e ao regionalismo, que claramente apaga a marca distintiva salvatoriana. Quando falta clareza de visão quanto a nossa vocação universal, estando abertos às necessidades da Sociedade e atentos aos que se encontram mais afastados de nós, predomina a tendência aos particularismos das “províncias”, reforçados por exageradas tendências étnicas e culturais que comprometem a riqueza plural do carisma salvatoriano. Neste contexto, a norma não deveria ser a Província, a minha cultura, nem a minha teologia. A norma é a missão apostólica da Sociedade do Divino Salvador, que transcende os limites da própria Unidade. Não há dúvidas de que estaremos mais próximos do espírito do Fundador se formos capazes de passar de uma “mentalidade de Província” para a percepção de que somos uma Sociedade que ultrapassa as fronteiras do espaço geográfico e seus contextos.

10. Outra razão para refletirmos sobre este ponto reside na clara consciência atual de que vivemos em um mundo conectado. Não podemos seguir pensando nas unidades como autônomas. A realidade atual contradiz radicalmente o enfoque jurídico presente em nossas *Constituições*, que está quase exclusivamente dirigido a um quadro ideal das Unidades, vendo-as como cheias de vitalidade e caracterizadas por uma grande eficiência em todos os níveis. O que estamos necessitando hoje é uma colaboração mais profunda e extensa em toda a Sociedade. O processo de reestruturação, que estamos realizando nos últimos anos, reforça esta visão da necessidade de se estabelecer um diálogo mais equilibrado entre a autoridade central e as Unidades. Suponho que, sem renunciar ao princípio da “Subsidiariedade”, devemos destacar a função unificadora do Superior Geral e seu Conselho. Em base a uma visão mais atualizada e global da Sociedade, o

Generalado é quem deveria realizar um planejamento mais abrangente, animando a todo o corpo da Sociedade. De modo a seguir aprofundando esta dinâmica de reorganização, convoquei uma equipe para estudar estas questões, de modo a ser melhor definidas e clarificadas juridicamente. O primeiro esboço a ser elaborado por esta equipe será apresentado ao próximo Sínodo Geral de 2016, no qual será estudado e discutido pela primeira vez. Quero novamente recordar que a motivação para estas mudanças não está somente na diminuição de membros em algumas Unidades, ou no crescimento de novas Unidades, mas porque os tempos de hoje são outros e requerem que a Sociedade olhe para o futuro com criatividade, energia e ardor renovador.

O SERVIÇO EVANGÉLICO DA AUTORIDADE

“Como é belo e sublime quando um edifica o outro pela observância! E como se apoia o superior quando um ajuda o outro a seguir em frente!”⁵

11. Em 2004, ao ser eleito Superior da Província Salvatoriana Brasileira, um religioso de outra Congregação telefonou para me felicitar. Nunca esqueci suas palavras: *“Agora se prepare, meu irmão, para levar uma cruz pesada e para viver tempos de solidão, bem como para receber críticas. Acostuma-te a escutar muito mais do que falar...”* Agora, depois de mais de uma década completa, aprendi que, de um modo ou outro, todos os que exercem um serviço de autoridade pagam este preço. Estou convencido de que honra ou reconhecimento associados à autoridade nada mais são do que distrações frente à autêntica vocação que decorre deste serviço, e se transformam em um obstáculo ao uso das energias para a realização da missão que dela advém. Qualquer superior salvatoriano sempre terá seus defeitos, pois é um humano como todos, mas o que se deve evidenciar, em primeiro lugar, é seu ofício de guiar, inspirar e apoiar aos membros e a comunidade (Cf. Co 702).

⁵ *Alocuções do Pe. Francisco Maria da Cruz Jordan – 14 de abril de 1899.*

12. Nos tempos atuais, os superiores não podem apenas ser “organizadores” da vida da comunidade, tampouco podem ser simplesmente os “gestores” das obras apostólicas que temos. *“O gestor faz bem as coisas, contudo, o líder faz coisas boas”* (Pe. Adolfo Nicolás, SJ). Além do mais, os líderes não estão acima do bem e do mal, nem podem ser o centro. Os líderes verdadeiros fazem com que os apostolados, as escolas, a casa de formação, a paróquia, o centro de espiritualidade, estejam no centro e tudo se dirija para este fim. Assim, os líderes que a Sociedade necessita precisam ser capazes de comunicar uma visão, sem centrá-la, contudo, em si mesmos. O que a Sociedade necessita é de mestres e guias, que tomem a iniciativa e abram novos espaços de trabalho compartilhados comunitariamente, nos quais cada um encontre seu espaço e contribua para o bem de todos. Neste sentido recomendo particularmente aos superiores locais e maiores, a que sejam criativos, a “fazer barulho” (Papa Francisco), especialmente em programas e atividades de formação contínua, bem como em temas de espiritualidade, carisma e missão salvatoriana. A Sociedade precisa da contribuição de todos para crescer e desenvolver-se, não somente em número de casas ou de obras apostólicas, mas, sobretudo no serviço à santidade e na entrega sem reservas, como luz e fermento no mundo.

13. Desde o início de seu pontificado, o Papa Francisco tem surpreendido com um novo modelo de liderança, ancorado na bondade e na humanização. Os seus gestos estão carregados de simbologia. Suas palavras diretas e sua aproximação aos que sofrem, são um convite à “conversão” para todos os que exercemos o serviço da autoridade. Assim sendo, penso que os ensinamentos do Papa Francisco sugerem pistas interessantes para o adequado serviço da autoridade na Sociedade. Portanto, gostaria de aqui destacar alguns ensinamentos sobre a liderança, à luz do que o Papa nos disse no Encontro com os Superiores Gerais, em novembro de 2013.

14. Primeiramente, a importância do exemplo de vida de quem exerce o serviço da liderança eclesial. Não podemos servir aos irmãos, no que nos foi pedido, se não formos pessoas fidedignas. Vejo claramente que o Papa Francisco ganhou credibilidade por sua vida, seus sinais e sua aposta na autenticidade. Em segundo lugar, deve-se exercer o serviço da autoridade sem medo de mudar o que deve ser mudado. Se for necessário mudar estruturas, façamos. Se for necessário questionar aspectos que não nos são fáceis de mudar, há que se estar disposto a isto. Em terceiro, exercer este ministério tendo em conta o que tem a primazia: o anúncio de Jesus Cristo e sua mensagem, não estruturas de organização ou tradições acumuladas. Em quarto, a sabedoria de estar atento ao que é a essência da vida cristã e da vida religiosa: os pobres, a comunidade, o profetismo, o anúncio do evangelho, a vivência do próprio carisma, etc. Em quinto, recordar que os líderes deixam marcas nas instituições a partir da constituição de boas equipes, consultando, escutando e gerando corresponsabilidade. O líder serve-se de colaboradores para que eles o ajudem em seu ministério. Em sexto, a necessidade de impulsionar um novo estilo de autoridade que, acima de tudo, tem seu referencial em Deus e se baseia na humildade, na disponibilidade, na misericórdia e na bondade: *“Eu estou entre vocês como aquele que serve”* (Lc 22,27).

COLABORAÇÃO COM OS LEIGOS NA MISSÃO

*“A obra do apostolado pode muito bem ser realizada por iniciativa individual, mas ela será mais eficaz quando muitos se unem, cooperando para a mesma finalidade...”*⁶

15. No início do ano 2000, em São Paulo, Brasil, tivemos que vender a propriedade mais valiosa que tínhamos naquele momento. Fizemos todo um processo de discernimento, conscientes de que uma decisão equivocada poderia produzir graves implicações para nossa missão. O desafio e o risco eram grandes e nos



perseguiam perguntas como: Em quem podemos confiar? Como faremos? Quem poderia nos ajudar? Por fim, decidimos pedir ajuda a alguns leigos e, “providencialmente”, encontramos a uns profissionais que se encaixavam perfeitamente com nossos valores de vida e missão. Desde então, entendi de uma forma diferente o que o Pe. Jordan repetia insistentemente: devemos *“confiar na Divina Providência”*. Pude constatar a afirmação de nosso Fundador a respeito das múltiplas formas de atuação da providência de Deus em nossa vida, na ação profissional de tantos leigos que colaboram conosco em nossas obras apostólicas.

16. Nos dias de hoje, não podemos usar como desculpa o custo ou questões de ordem jurídica para não contar em nossa missão com a colaboração de profissionais leigos. Para mim, é essencial que cada salvatoriano compreenda o novo papel dos leigos na missão evangelizadora da Igreja. Em sua Exortação Apostólica

⁶ *“Il Monitore Romano, n°4, 1881.*

sobre a Vocação e a Missão dos Leigos, o Papa João Paulo II afirma: “*Os leigos não são simplesmente os operários que trabalham na vinha, mas formam parte da mesma vinha: ‘Eu sou a videira e vocês os ramos’*”⁷ O que o Papa está afirmando é que os cristãos leigos são parte ativa, consciente e responsável da missão da Igreja. Em diferentes lugares, vi como alguns leigos reconhecem o chamado ao apostolado e como buscam ser formados e enviados para este serviço. Assim sendo, creio que deveríamos avançar mais nesta direção, oferecendo aos leigos nossa herança espiritual e partilhando nossos apostolados. Ao olharmos com profundidade para a história de nosso carisma, percebemos que a colaboração com os leigos não é nenhuma novidade. Desde seu primeiro contato com Ludwig Auer (1880), Pe. Francisco Jordan buscou a colaboração dos leigos. Já nos primeiros escritos a respeito de sua fundação, era clara a característica de ser uma “*Sociedade Católica de clérigos e operários na vinha do Senhor, entre todos os povos*” (Cf. DE I/124). Em nossos dias, ao olhar para os salvatorianos que atuam em diferentes países, acredito que devemos ser gratos pelo fato de uma grande maioria de nossas obras somente existirem graças à colaboração entre salvatorianos e leigos. Penso que poderíamos realizar muito mais se oferecêssemos oportunidade para um maior protagonismo laical dos profissionais em nossos apostolados.

17. Sobretudo no mundo atual, que exige de nós pensarmos tudo em chave global, urge desenvolver a mentalidade e a prática da colaboração dentro da Sociedade. A missão evangelizadora com a qual estamos comprometidos é muito grande e não podemos realizá-la sozinhos. Pessoalmente, acredito que esta foi a intuição primeira do Fundador: abrimo-nos a ação laical e realizar apostolados de uma forma nova. Certamente vocês conhecem, em diferentes partes do mundo, algum tipo de experiência de colaboração entre salvatorianos e leigos que

quiseram fazer parte de nossa missão. Leigos que dão novo impulso à missão salvatoriana, a partir de distintas modalidades de colaboração, especialmente centradas no campo social, na promoção vocacional ou no apostolado. Não resta dúvida de que nossa Sociedade se engrandece ao convidar leigos para participar ativamente de nossa missão e compartilhar nossa espiritualidade e apostolados. Em diferentes países vi como o apoio e a contribuição dos leigos traz uma nova dinâmica missionária, ajuda nossas obras apostólicas e colabora na arrecadação de recursos para a sustentabilidade. Penso ser missão de nossa Sociedade estabelecer, o máximo possível, fortes relações com colaboradores leigos.

18. Evidentemente existem diferenças entre religiosos e leigos que devemos ter em conta. Ser membro da Sociedade e ser leigo denotam vocações distintas, com diferente formação e distinta disponibilidade de tempo. Nos diferentes contextos, é necessário ter em conta estas diferenças que são, ao mesmo tempo, um limite e uma potencialidade. Eu acredito que neste campo duas coisas são importantes: Primeiro, uma atenção especial a este tema da colaboração nas diversas etapas da Formação Inicial Salvatoriana e na preparação dos formandos para uma futura atividade apostólica. Segundo, faz-se necessária uma sólida formação de base para os leigos, que permita à Sociedade ter interlocutores com quem possa partilhar a missão. Por exemplo, a recebida por aqueles que cresceram em alguma de nossas obras apostólicas. Além disto, penso ser importante refletir não somente sobre a identidade e o papel dos leigos que trabalham conosco, mas também é preciso examinar quais os critérios usados para escolher os colaboradores. Estou plenamente convencido de que hoje, preparar os leigos para que conheçam nossa história, nossa espiritualidade e nossa missão, é para nós uma tarefa oportuna e uma resposta acertada aos sinais dos tempos.

⁷ Exortação Apostólica “*Christifideles Laici*” do Papa João Paulo II (Cf. n°8).



TRANSCENDER AS FRONTEIRAS DA MISSÃO

“E se vocês forem para o Himalaia ou para a América do Sul, para as montanhas junto aos selvagens, em toda parte, pensem sempre: estes são meus irmãos! Devo salvá-los! Procurem, pois, com afincos, conservar este espírito de universalidade!”⁸

19. Sabe-se que desde o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, Pe. Pancrácio Pfeiffer, sendo o Superior Geral da Sociedade, enviava dezenas de salvatorianos jovens ao continente americano. Sua intenção era evitar que estes jovens fossem chamados para a linha de frente de combate daquela horrível guerra. Ainda hoje em dia são contatadas muitas e impressionantes histórias sobre aqueles salvatorianos, enviados a terras totalmente desconhecidas por eles, sem tempo devido de preparação, nem sequer com possibilidade de despedirem-se adequadamente. Alguns passaram anos e anos sem retornar, enquanto outros nunca

⁸ *Alocuções do Pe. Francisco Maria da Cruz Jordan – 17 de fevereiro de 1899.*

tiveram a oportunidade de fazê-lo, entregando a vida em terras de missão. Logicamente, hoje, vivemos outro tempo, caracterizado por uma mobilidade astronômica e por meios de comunicação muito mais avançados. Contudo, o que segue chamando muito minha atenção não são as facilidades de nossos meios modernos, mas o espírito missionário de disponibilidade e sacrifício, que tanto caracterizava a nossos confrades. Creio que é este espírito que precisamos seguir alimentando em nossa Sociedade. Certamente o mundo mudou, mas a humanidade segue sofrendo e, mais do que nunca, continua necessitando pessoas que dediquem suas vidas ao serviço de salvar e promover a vida.

20. O mandato que recebemos de Pe. Jordan foi o de ir e evangelizar todas as nações, onde quer que a humanidade ou a Igreja necessitem nosso serviço. Ao ler seus escritos, sentimo-nos chamados a um “deslocamento”, a sair de nós mesmos, a construir nossa vida e missão desde as diversas fronteiras e os diferentes contextos, promovendo a vida em sua totalidade. Segundo o Fundador, a vocação salvatoriana não se identifica com a acomodação, mas sim com a capacidade de ir aos lugares mais difíceis, sem caminhos traçados, arriscando a própria segurança. Recordo que foram nestas circunstâncias que os salvatorianos iniciaram a missão na Índia, na China, no Equador, na Tanzânia e em tantos outros lugares, certos de que “*as obras de Deus somente florescem a sombra da cruz*” (Pe. Jordan). Não podemos deixar perder-se este espírito com o qual devemos viver a missão salvatoriana, especialmente neste tempo em que deveria ser tão comum para nós ir a outro país, seja, ao menos, para trabalhar por certo período de tempo, ou para formar melhor nossa visão quanto à internacionalidade da Sociedade, da Igreja e de nós mesmos.

21. Graças a Deus o impulso missionário, fomentado pelos últimos Capítulos Gerais, fez com que a Sociedade crescesse e seguisse conservando vivo o carisma salvatoriano em todos os continentes. Em março deste ano, numa celebração muito simples, na cidade de Manila (Filipinas), tive a alegria de enviar os

primeiros salvatorianos ao Vietnã e, desta maneira, estabelecer nossa presença neste belo país. Nesta nação asiática se abrem para nós muitos horizontes de colaboração com a Igreja local e com o futuro da Sociedade. Quero lembrar que o tema da expansão, na perspectiva além-fronteiras, é uma das prioridades de nossa Sociedade. Com maior razão agora que o Papa Francisco nos impele a irmos além de nós mesmos, a “*sair do próprio comodismo e atrever-se a chegar a todas as periferias que necessitem da luz do Evangelho.*”⁹ Contudo, gostaria de chamar a atenção para a necessidade de expandirmos esta argumentação sobre a expansão além-fronteiras. Não podemos apenas ficar no enumerar o número de nações que contam hoje com a presença salvatoriana, restringindo a expansão unicamente à dimensão geográfica, pois há outras fronteiras, que não são necessariamente geográficas, que pedem que as descubramos e sejamos capazes de definir onde se encontram, talvez muito próximo de nós. Logicamente, permanecem as fronteiras geográficas e estamos disponíveis para elas, tal como nos propusemos nos Encontros Continentais, de modo a iniciar a presença da Sociedade no Peru e no Quênia. Mas, também existem as fronteiras simbólicas, onde estão inseridas as situações humanas de dificuldade, que reclamam nossa assistência e delimitam o espaço onde encontraremos os mais pobres e descartados da sociedade de consumo. Um contato real com os pobres é parte de nossa missão evangelizadora (Cf. Co 205). Portanto, é muito importante acompanhar e apoiar os salvatorianos comprometidos com o trabalho de visitas às áreas empobrecidas, para conhecer de perto a realidade e a vida das pessoas que buscam sobreviver em meio a tão grandes dores humanas.

22. Certa vez um sábio disse que “*o homem demora uns dois anos para aprender a falar e uns setenta para aprender a escutar...*” Certo ou não, acredito que hoje um dos sinais dos tempos reside na necessidade de escutar com seriedade as realidades dos pequenos frente a um mundo globalizado. O Papa Francisco, ao declarar

⁹ Papa Francisco, Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*”, n°20.

o ano de 2015 como o “Ano da Vida Consagrada”, pede aos religiosos a capacidade de viver com paixão o momento presente, a escutar o grito dos que choram e a fazer da pobreza nosso estilo de vida. O ano dedicado à Vida Consagrada será, de modo particular, uma oportunidade para presentarmos os jovens com a beleza da vocação, do pôr-se a serviço dos demais, especialmente dos que mais sofrem. Neste contexto, determinei que o ano de 2015, em nossa Sociedade, seja também o “Ano Missionário Salvatoriano”. Desta forma, no próximo ano queremos dar graças a Deus pelo dom de nossa vocação à vida consagrada e, igualmente, recordar a data jubilar do envio dos primeiros missionários da Sociedade à Índia, em 1890. Estas duas temáticas – consagração e missão – são como dois lados de uma mesma moeda. Assim, o ano de 2015 será para nós um tempo oportuno para refletir e orar nossa consagração e missão, num mundo dividido em novas fronteiras, causadas pela injustiça, pelas guerras, pela desigualdade da globalização, pela emergência dos novos conteúdos virtuais nas redes de comunicação, etc. O lema do Ano Missionário Salvatoriano: “*A missão do Salvador é nossa paixão*”, quer ser um convite a fazermos visível o zelo missionário que preencha o coração de nosso venerável Fundador. Pe. Francisco Jordan queria que fôssemos religiosos e apóstolos, para estarmos com Jesus e por Ele ser enviados a anunciar por todo o mundo, sob a inspiração e guia do Espírito Santo.

A ALEGRIA DE SERMOS IRMÃOS

“*O amor fraterno assegura, em grande parte, o progresso e o bem-estar da Sociedade (...). As pessoas se sentem atraídas a entrar na Sociedade quando percebem que aqui reina o amor fraterno.*”¹⁰

23. Há quase 60 anos uma comunidade de salvatorianos vive em Catia, um enorme e empobrecido bairro na zona oeste de Caracas, Venezuela. Acredito ser um dos bairros mais violentos em que já estive. A região é controlada e continuamente ameaçada por grupos

¹⁰ Alocuções de Pe. Francisco Maria da Cruz Jordan – 31 de março de 1899.



armados e delinquentes, que sequestram e matam, conforme lhes dê vontade, pessoas inocentes. Ao que parece, nenhuma instância é capaz de dar uma solução a onda de homicídios, o que eleva a dor e produz um selvagem círculo vicioso de acerto de contas. Não há dúvidas de que, para qualquer pessoa, viver num lugar assim produz mudanças radicais na mentalidade, na consciência, nas perguntas fundamentais e até mesmo na maneira de se viver a vida religiosa. A pergunta fundamental a ser feita é a seguinte: o que sustenta a missão de nossos confrades que estão inseridos em lugares como este? Um deles contou-me que nestes lugares somente é possível viver e dar testemunho do Evangelho, sem perder o ânimo, se existe a comunidade. Para poder viver em meio a um contexto de tanta dor, violência e insegurança, é necessário, além de uma profunda fé em Deus, um apoio mútuo, que gere proximidade e fraternidade. E disto nossos confrades dão um alegre testemunho.

24. A vida de comunidade sempre foi um elemento irrenunciável da vida apostólica salvatoriana, tal como se afirma em nossas Constituições: *“Fomos chamados por Deus para uma vida em*

comunidade de fé, fraternidade e apostolado” (Co 401). Ainda que seja verdade que muitos salvatorianos descuidem desta dimensão da comunidade fraterna, também é verdade que muitos, a partir da “fé comum em Jesus Cristo”, unem-se em vista da missão, superando toda diferença de origem, idade ou formação. Estou cada vez mais convencido de que precisamos recuperar esta perspectiva teológica da vida comunitária salvatoriana. Sem esta base espiritual, que sustenta nosso projeto comum de vida e missão, não seremos capazes de atrair a outros para que assumam a vida fraterna, formando família. Entre os meios disponíveis para se cultivar esta vida de pessoas “reunidas em nome de Cristo”, destacamos dois, que são imprescindíveis: assumir o apostolado como grupo, sem tantos protagonismos pessoais; e seguir a prática da oração em comunidade. Não acredito que possa existir uma autêntica vida de comunidade sem um mínimo de oração partilhada, na qual confessamos que o elemento fundante de nossa escolha é a pessoa de Jesus Cristo e sua mensagem de salvação.

25. A principal recomendação que gostaria de fazer neste ponto é que em todas as casas salvatorianas se busque tempo, horários, espaços e formas que permitam reanimar ou dar novo impulso à oração e celebração comunitária. O cuidado pela oração comunitária é o que nos salva de sermos simplesmente uma “comunidade produtiva”, na qual os direitos individuais estão sempre em primeiro lugar, e o excesso de trabalho obscurece os momentos de vida fraterna. Penso ser um grave equívoco imaginar que não necessitemos de oração comunitária, bem como de que possamos viver afastados do mistério que fundamenta a consciência de que um Deus nos reuniu para que sejamos irmãos, tanto nos momentos de alegria quanto nos de dor. Naturalmente, isto não significa fechar os olhos e imaginar que sempre tudo irá bem entre nós, mas sim crescer na percepção de que a principal condição para que exista uma comunidade é a atitude de fé interior, que marca um estilo de vida.

26. Posso imaginar que muitos de nós já tivemos algum tipo de fracasso, de dificuldade ou problema para viver em comunidade. Obviamente que, nestas ocasiões, é normal que entremos numa profunda frustração, sintamo-nos sem valor e até mesmo duvidemos das opções que fizemos. O que posso afirmar, após anos de experiência de vida fraterna, é que nenhuma comunidade é perfeita, e que a vida comunitária tampouco é uniformidade. Em qualquer lugar a que formos enviados, viver em comunidade sempre será uma questão de interioridade, de um estilo de seguir a Jesus Cristo. Por isso, procuro viver a experiência de vida comunitária a partir desta atitude interior. Uma atitude nada fácil de ser alcançada. Precisa ser trabalhada dia após dia, na oração, na capacidade de perdoar, na compreensão mútua e na paciência. Obviamente que este é um trabalho que nunca termina, e frente ao qual não existe mágica. Assim, não nos deixemos levar pelas tentações de viver reclamando constantemente da vida em comunidade, de não confiar na força da graça de Deus e de abandonar nossos ideais.

27. Nesta oportunidade gostaria de agradecer aos superiores locais que se dedicam primordialmente à missão de favorecer a unidade e a participação comunitária. Insisto para que utilizem das festividades e celebrações salvatorianas como ocasiões privilegiadas para destacar o exemplo de vida apostólica que recebemos de nosso Fundador. Cada data salvatoriana em nosso calendário é uma oportunidade para a meditação comunitária, de modo a percebermos a alegria, o entusiasmo e o gosto de viver e conviver como irmãos, em vista da missão. Se no passado a baixa qualidade da vida comunitária foi usada como razão frequente para deixar a Sociedade, também é certo que a alegria de vivermos como irmãos, experimentada autenticamente em muitas comunidades salvatorianas, é um valioso apoio à perseverança de muitos de nós.

NÃO PROGREDIR É MORRER PAULATINAMENTE

“Vá sempre em frente, em nome do Senhor, para atingir a meta almejada. Trabalha, sofre, suporta, reza, suspira, confia em Deus...”¹¹

28. Dizem que a cultura oriental é baseada na mudança. Por exemplo: a única coisa fixa para os japoneses é que há quatro estações. Por suposto, a essência das estações é mudar constantemente. É a própria natureza quem nos ensina que a vida vai além de nossa convencional rotina de cada dia, sendo ela parte de um mistério muito maior. Cada dia vê nascerem novas formas, novas descobertas, novas necessidades e novas respostas. O único permanente é o amor de Deus, sua Palavra que nos impulsiona, capacita e remete ao futuro. Neste ponto, dei-me conta que Pe. Jordan utiliza constantemente em seus escritos espirituais verbos que o remetem a ação: rezar, servir, avançar, andar, aspirar, confiar, acreditar... Atrevo-me a dizer que, como nosso Fundador sentiu um grande dinamismo em seu interior e nunca quis conformar-se ao *status quo*, também nós somos chamados a abrir nossos corações e nos deixarmos levar pelo Espírito de sabedoria, de inteligência, de conselho, de fortaleza, de ciência, de piedade e de temor de Deus.

29. Ao ler seu “Diário Espiritual”, o que sempre admirei no Fundador é seu discernimento permanente, sua disponibilidade e capacidade de enfrentar sacrifícios para ajudar a todos, sem exceção, para que conheçam ao Salvador do Mundo. Na verdade, esta é a grande contribuição que a Sociedade oferece à missão da Igreja: proclamar, em todas as partes, que em Jesus Cristo Deus veio salvar a todos, sem excluir ninguém. Podemos encontrar este pensamento central do Fundador em todos os seus escritos e em nossas *Constituições*. Contudo, muitas vezes me pergunto: Como hoje podemos manter vivo este espírito do Fundador? O que deveríamos aprender de nossos irmãos que nos antecederam e deram a vida por esta causa? Certamente

¹¹ Pe. Francisco Jordan. *Diário Espiritual – Livro II/59*.

que muitas soluções apostólicas que foram úteis até hoje já não servem nos difíceis tempos atuais, diante de um mundo em constante mudança. Situações novas pedem sempre um novo discernimento, novas reflexões e novas respostas. Assim, dos salvatorianos atuais se exige capacidade para interpretar os sinais dos tempos, formar-se e aprofundar-se no carisma, promover a criatividade, alcançar a visão apostólica do Pe. Francisco Jordan e um profundo compromisso com as pessoas as quais evangelizamos. Não podemos nos resignar. Estes são tempos que exigem de nós um olhar posto em horizontes mais amplos, e a capacidade de viver intensamente a exortação do Apóstolo Paulo de “*não se conformar com este mundo, mas deixar-se transformar, renovando nosso modo de pensar, para discernir a vontade de Deus*” (Rm 12,2).

30. Um dos importantes temas do último Capítulo Geral foi a necessidade de reconfigurar o papel da liderança, em vários níveis. Para que isto aconteça, não podemos nos permitir que nos falte criatividade em buscar cooperação e novas formas de organização. O Generalado já iniciou uma revisão quanto aos serviços do governo central. Ao longo deste ano, falei com alguns salvatorianos e pessoas expertas em gestão para que nos ajudassem a organizar uma nova forma de dinamizar os serviços do Generalado, a partir da experiência e das sabedorias dos governos anteriores. A nova estrutura do Generalado será constituída basicamente por diferentes áreas de serviços (Comunicação/Publicação, Administração/Finanças, Base de Dados/Arquivos/SOFIA, etc) e diferentes secretarias apostólicas (Formação, Missão, Família Salvatoriana, Representação legal, Justiça e Paz, Postulação, etc...). Nossa intenção é criar uma estrutura que envolva salvatorianos e colaboradores leigos, trabalhando de forma adequada e integrada para o melhor desenvolvimento da Sociedade. São mudanças que tem por finalidade fazer do Generalado não apenas uma instância administrativa, mas que se converta no “*coração da Sociedade*” (Pe. Jordan). Imagino que todos compreendam como é importante o bom funcionamento

do Generalado em sua tarefa de dar respostas adequadas às decisões do Capítulo Geral, de interagir com as Unidades, de realizar múltiplas viagens e organizar os Encontros das Equipes que colaboram com o serviço do Generalado, etc. Enquanto as mudanças vão sendo implementadas, podemos verificar uma dinâmica muito mais eficaz de governo, ainda que algumas vezes as coisas não saiam exatamente como se queria. É o próprio Fundador quem nos inspira a atuar deste modo, sem temer os riscos em explorar e manter, em todas as suas formas e possibilidades, o espírito e a finalidade da Sociedade. Neste momento de nossa história, peço que em cada Unidade haja um particular esforço em melhorar as estruturas e a discernir juntos onde devem centrar a atenção, os serviços e as energias salvatorianas. Não tenhamos medo de revisar nossas estruturas, nem de responder, com profundidade, a estas questões: O que necessita a Sociedade do Divino Salvador hoje? Que meios dispomos para ser significativos (instrumentos de salvação) para os homens e mulheres de nosso tempo?

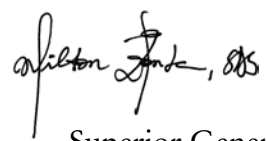
31. Quero concluir esta carta agradecendo a cada um de vocês, os membros da Sociedade do Divino Salvador. Nas visitas pelo mundo, quantas vezes vi, com admiração, a paixão e a generosidade com a que todos se dedicam à obra apostólica de nosso Fundador e no serviço à missão da Igreja. Rogo a todos para que sigam em frente com o compromisso de doar tempo, coração, reflexão e meios à causa salvatoriana. Recebam dos membros do Generalado e de minha parte os melhores desejos para este Natal e um abençoado Ano Novo. Que vivamos o Natal de Jesus Salvador contemplando com fervor o caminho do imenso amor de Deus, que nos atrai a Ele. Que vivamos o Natal com o coração aberto e um reiterado desejo de viver intensamente nossa vocação – pessoal e comunitária – de *dar testemunho da bondade e do amor de Deus, nosso Salvador*. Termino enviando minha benção com estas palavras inspiradoras de nosso Venerável Pe. Fundador, como pérolas que necessitam de cuidado e de serem vividas apaixonadamente:

*“Mantenha sempre ante os olhos
a santa vocação,
em todas as partes e em todas as coisas.
Essa vocação é para formar a Cristo
em si mesmos e no próximo.*

*Amem-se uns aos outros (...)
Abarquem neste amor todas as pessoas
de qualquer raça ou nação (...)
Alimentem o espírito de oração...*

*O desenvolvimento da Sociedade deverá ser
do maior interesse para vocês.
Promovam seu bom nome através do bom exemplo...
Ajudem as missões...
através da oração, sacrifícios
e obtendo apoio para elas.*

*Continuem fazendo o bem,
trabalhando com todas as forças
para a glória de Deus e a salvação das almas.
Avante! Avancem!¹²*


Superior General

¹² Pe. Francisco Jordan. Carta Circular aos membros por ocasião do XVI Centenário do Triunfo da Santa Cruz. Domingo da Paixão, 11 de março de 1913. (Cf. DSS X, n° 1112).





Sociedade do Divino Salvador

Via della Conciliazione, 51
00193 ROMA
Itália

Endereço postal:
Ufficio Roma 47
Casella postale 102
00193 ROMA
Itália

Tel. +39 06 686 291
Fax. +39 06 686 29 400

www.sds.org

Fotos:
Arquivo SDS

Impresso em 2015